



MÍDIA ALTERNATIVA DIGITAL AOS FATOS E A CHEGAGEM DE FATOS: UM FUNCIONAMENTO EM ANÁLISE

Lucas Andrey Rodrigues¹

Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

Márcia Vorpapel Serschön²

Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

Pamera Francieli Corrêa Pereira³

Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo analisar o funcionamento discursivo a partir do que é posto em circulação nas descrições metodológicas da mídia alternativa digital *Aos Fatos*, a fim de analisar o que ela escreve sobre si e o seu funcionamento a partir da materialidade selecionada. A pesquisa tem como *corpus* recortes da editoria *Nosso Método* da *Aos Fatos*, e como aporte teórico a Análise de Discurso de linha francesa, fundada por Michel Pêcheux e sequenciada, no Brasil, por Eni P. Orlandi. Para a Análise de Discurso, o discurso jornalístico, como qualquer outro, não se enquadra apenas como um transmissor de informação menos desinteressado, ou seja, os discursos jornalísticos são, também, atravessados pela Ideologia e têm seus sentidos já estabelecidos ideologicamente. Portanto, a partir das sequências discursivas selecionadas e organizadas durante este artigo, analiso o funcionamento discursivo da *Aos Fatos*, contrapondo as sequências à desconstrução dos mitos de *verdade, neutralidade, imparcialidade e objetividade* (MARIANI, 1999, p. 120).

Palavras-chave: Mídia alternativa digital. *Aos Fatos*. Checagem de fatos. Funcionamento discursivo.

ABSTRACT

This research aims to analyze the discursive operation from what is put into circulation in the methodological descriptions of the alternative digital media *Aos Fatos*, in order to analyze what the media writes about itself and, from the selected materiality, its operation. The research has as its corpus clippings from the editorial section *Nosso Método* from *Aos Fatos*, and as theoretical contribution the French line Discourse Analysis, founded by Michel Pêcheux and followed, in Brazil, by Eni Orlandi. For Discourse Analysis, the journalistic discourse, like any other, does not fit only as a transmitter of information, nor less disinterested, that is, the journalistic discourses are also crossed and have their meanings guided. Therefore, from the discursive sequences selected and organized during this article, I analyze the discursive operation of *Aos Fatos*, counterposing the sequences to the deconstruction of the myths of truth, neutrality, impartiality and objectivity (MARIANI, 1999, p. 120).

Keywords: Digital alternative media. *Aos Fatos*. Fact-checking. Discursive functioning.

INTRODUÇÃO

¹ É mestrando em Letras/Linguagem e Sociedade na UNIOESTE. E-mail: lucasandrey02@gmail.com

² É doutoranda em Letras/Linguagem e Sociedade na UNIOESTE. E-mail: svm_th_s@hotmail.com

³ É doutoranda em Letras/Linguagem e Sociedade na UNIOESTE. E-mail: pamerapr@hotmail.com



No decorrer da última década, houve um desenvolvimento volumoso no que se refere aos serviços de checagem de fatos (*fact-checking*) nas plataformas jornalísticas digitais. Tal processo objetiva certificar que as atividades jornalísticas são isentas e imparciais, ou melhor, que o que é posto em circulação nos sites, está comprometido com a verdade e a neutralidade.

No Brasil, a existência das mídias voltadas às práticas de checagem de fatos tem influência da Aliança Internacional de Checagem de Fatos (em Inglês, *International Fact-Checking Network - IFCN* -), criada pelo Instituto Poynter (escola americana de jornalismo), a qual é a maior autoridade e certificadora das agências que adotam essa metodologia. A *IFCN* legitima as agências a realizarem o processo de checagem por seguirem seus princípios, os quais são: a) apartidarismo e imparcialidade; b) transparência das fontes; c) transparência do financiamento e da organização; d) transparência da metodologia; e) política de correções aberta e honesta (BOMFIM, 2020) e é a partir desses princípios que a *Aos Fatos*, *corpus* deste projeto, está certificada e desenvolve suas notícias nesse campo desde 2016.

A *Aos Fatos* é uma mídia alternativa digital que busca investigar campanhas de desinformação para realizar a checagem de fatos pautada nos princípios citados acima. A mídia foi criada em 2015 e suas publicações são focadas em verificar o que o que é *falso* e o que é *verdadeiro* em discursos políticos relevantes para o cenário. Enquadra-se como uma mídia alternativa independente, pois não recebe nenhum aporte financeiro de instituições governamentais, apenas é financiada por um programa de assinatura, nem mesmo há publicidade, pois, segundo a própria *Aos Fatos*, destoa dos seus princípios.

A checagem de fatos é um processo que busca verificar a origem das possíveis desinformações. O processo é fundamentado em provas, assim, a *Aos Fatos* condiciona suas publicações a partir de um processo interno de obtenção de informações acerca do discurso proferido por um sujeito que está em evidência pública. Dessa forma, a fim de tornar o processo de verificação confiável para os sujeitos que consomem suas notícias, a *Aos Fatos* utiliza as grandes mídias como aparato para a construção do processo de checagem, tomando-as como o nicho principal de coleta de informação para produzir suas notícias.

A partir disso, interessamo-nos nesta mídia alternativa digital, porque a metodologia de apuração é classificada como apartidária, assim, a partir dos conceitos mobilizados no decorrer deste trabalho, contrapomos as sequências presentes na sua descrição metodológica.

Propõe-se, valendo-se do aporte teórico e metodológico da Análise do Discurso formulada pelo filósofo francês Michel Pêcheux, na França, e sequenciada, no Brasil, por Eni P. Orlandi, refletir acerca da descrição metodológica da mídia alternativa digital *Aos Fatos* e analisar o funcionamento do discurso jornalístico, especificamente o modo como produz um imaginário de estar fora do ideológico. A teoria nos proporciona compreender as Sequências Discursivas (SDs) a partir de um processo de metalinguagem, assim, analisando o reflexo que estes discursos veiculados nesse campo de mídias independentes objetivam ao colocar notícias em circulação no meio digital. Por isso, a partir do movimento pendular e do batimento construído entre teoria e análise, o qual agita os processos de produção de sentidos sobre o *corpus* selecionado (PETRI, 2013, p. 42), analisaremos discursivamente os discursos que são veiculados pela *Aos Fatos*.

Para Pêcheux (2014), o discurso é efeitos de sentido que significa na relação entre sujeitos, além disso, é o que constitui o sujeito e não constituído por ele. É uma amostra de um processo ideológico simbólico cujo seu funcionamento se dá a partir de um processo histórico. A partir dessa



relação, compreende-se em Pêcheux (2014, p. 146) que o “sentido (...) é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas)”, ou seja, se molda de acordo com a posição do sujeito que discursa. Logo, o funcionamento do discurso só é possível a partir da retomada de sentidos, o que faz com que não tenha literalidade, “não tem um sentido” (PÊCHEUX, 2014, p.147) mas, sim, efeitos dele a partir de cada posição, pois é uma *prática de linguagem* (ORLANDI, 2009, p. 15).

Sabendo, agora, que não há literalidade e os discursos são (re)produções, as práticas discursivas jornalísticas não deixam de ser produzidas à mercê das condições de produção, a literalidade “trata-se apenas de um efeito” (DELA-SILVA, 2018, p. 302), tornando os discursos jornalístico atravessados ideologicamente, também, como qualquer outro discurso.

1 GESTOS ANALÍTICOS

As mídias alternativas digitais que produzem notícias adotando o processo de checagem, se autodeclaram apartidárias e neutras em relação ao que é posto em circulação, entretanto, trata-se de estipulações determinadas pela *IFCN (International Fact-Checking Network)* para, ao atender aos preceitos, fazer parte do seletivo grupo certificado para tal prática jornalística. Para Mariani (1998, p. 63), “cabe ao discurso jornalístico organizar e ordenar cotidianamente os acontecimentos, de modo a mostrar que pode haver mais de uma opinião/explicação para o fato em questão, mas nunca um fato diferente do que foi relatado”, ou seja, a partir do que é noticiado, para o discurso jornalístico tem-se a verdade absoluta e nada destoia do que está relatado. Assim, os textos jornalísticos objetivam deixar os leitores bem informados, por meio da clareza textual e a objetividade ao noticiar, bem como a neutralidade buscada. Para Dela-Silva (2021, p. 5952), os termos relacionados a neutralidade que estão, inclusive, presentes nos princípios a serem seguidos pela *IFCN*, “são termos que concorrem para a sustentação da formação imaginária da grande mídia jornalística como isenta e objetiva, imaginariamente capaz de produzir relatos igualmente objetivos sobre os acontecimentos que elegem notícias”, portanto, as mídias, que realizam os serviços de checagem, se constituem nos atravessamentos da grande imprensa.

Nos últimos anos, considerando o último período eleitoral, fora evidenciado uma luta constante contra a veiculação de *fake news*, onde enquadram-se, principalmente, os serviços jornalísticos realizados pelas mídias que trabalham com o método de *fact-checking*. No que se refere a esta pesquisa, instiga-nos investigar o funcionamento discursivo da mídia alternativa digital *Aos Fatos* a partir do que é descrito como sua metodologia. Assim, a partir do movimento pendular “imperfeito (...) que se produz sobre a teoria e as análises de discursos” (PETRI, 2013, p. 43), analisaremos a respeito do apartidarismo e da ilusão da verdade declarada pela mídia.

Iniciaremos os gestos de análise a partir das sequências discursivas dispostas a seguir, as quais foram recortadas da editoria *Nosso Método* da mídia alternativa digital em questão.

Primeiramente, entendemos o discurso jornalístico a partir de Mariani (1999, p. 110) como uma prática que coloca em circulação alguns dizeres e, automaticamente, não outros. No caso da *Aos Fatos*, são colocados em circulação dizeres que produzem o imaginário de neutralidade, entretanto, promovem gestos interpretativos, logo, (re)produzem sempre outro sentido, pois trata-se, também, de um discurso “produzido em condições históricas de confrontos, alianças e adesões que gerenciam e constituem as interpretações produzidas” (MARIANI, 1999, p. 111).



Em relação ao posicionamento discursivo de autodeclarar-se fora do ideológico e apenas transmitir o que consideram verdadeiro, permeiam-se os mitos de verdade, de objetividade, de neutralidade e de imparcialidade, os quais

Trata-se (...) de uma prática discursiva que atua na construção e reprodução de sentidos, prática essa realizada a partir de um efeito ilusório da função do jornal como responsável apenas por uma transmissão objetiva de informações. O discurso jornalístico constrói-se, dessa forma, com base em um pretense domínio da referencialidade, pois baseia-se em uma concepção de linguagem que considera a língua como instrumento de comunicação de informações. Decorrem daí vários efeitos constitutivos dos sentidos veiculados como informações jornalísticas: objetividade, neutralidade, imparcialidade e veracidade (MARIANI, 2005, p. 7).

Dessa forma, reforça, além do já declarado pelo jornal alternativo digital, o interesse em se manter fora de qualquer ligação que indique um posicionamento, pensando a língua apenas como forma de comunicação e apagando as condições históricas que constituem os discursos e possibilitam as interpretações.

Para o desenvolvimento dos gestos de análise sobre o *corpus* desta pesquisa, nos basearemos nas sequências discursivas⁴ dispostas no **quadro 1**:

<p>SD1: A principal virtude da checagem de fatos reside na capacidade desse tipo de jornalismo de ajudar as pessoas a tomarem decisões melhores e de monitorar políticas públicas baseadas em fatos e evidências.</p>
<p>SD2: Para verificar aquilo que tem chance de ser mentira, profissionais do Aos Fatos conferem a origem da desinformação, analisam seu conteúdo para entender o que há de errado, buscam em fontes confiáveis os fatos e dados para mostrar o que é factualmente correto sobre aquele assunto e, finalmente, publicam uma reportagem que traz a informação verdadeira.</p>
<p>SD3: Além disso, todos os jornalistas que integram a equipe do Aos Fatos estão sob escrutínio público, de modo que são expressamente orientados a não endossar formal ou informalmente qualquer discurso político-partidário. (...) Qual comportamento destoante da busca pela isenção e pluralidade não faz parte da filosofia do Aos Fatos, tampouco de sua linha editorial.</p>
<p>SD4: Embora Aos Fatos se esforce para investigar informações públicas identificadas com todos os lados do espectro político, seus jornalistas também acreditam que quem está no poder deve e merece estar sob escrutínio preferencial.</p>

Inicialmente, destaca-se, na SD1, o foco da *Aos Fatos* em “ajudar as pessoas a tomarem decisões melhores e de monitorar políticas públicas baseadas em fatos e evidências”, ou seja, a partir do processo de checagem inserida na ordem do discurso jornalístico, a intenção que a mídia

⁴ Torna-se tocante a breve abordagem desse conceito, o qual, baseado em Courtine (1981, p. 25), é definido como “sequências orais ou escritas de dimensão superior à frase”, ou seja, são as sequências discursivas que “representam, no fio do discurso (ou intradiscurso), o retorno da memória (a repetibilidade que sustenta o interdiscurso)” (MARIANI, 1996, p. 54) e carregam os efeitos de sentidos que surgem a partir do ato discursivo, sendo uma unidade de análise que refere-se a um conjunto de possíveis enunciados.



expressa ao produzir notícias, está posta e os “acontecimentos são transformados em fatos” (MARIANI, 1999, p. 105), assim objetiva influenciar os leitores a crerem que o que é dito ali, ordenará a “melhor” decisão, no caso, a decisão que corresponde ao que consideram socialmente aceitável e esteja filiado “às instâncias que os dominam” (p. 112).

Além disso, reforça a imposição de influência e verdade sobre seus discursos, os quais são, segundo eles próprios, *baseados em fatos e evidência*, assim, colocando-se em um movimento de univocidade acerca da verdade e retomando um discurso que ressoa à memória da prática jornalística como um modelo de discurso ideal: neutro e verdadeiro, sem espaços para pluralidade interpretativa. Ao leitor menos crítico, esse modelo de jornalismo que a *Aos Fatos* se autodescreve, soa como o ideal, visto que destoa do tradicionalismo, ou melhor, *desse tipo de jornalismo*, como dito na SD1, e sinaliza um distanciamento das grandes mídias, colocando-a em um espaço social sem influências, ocupando uma posição privilegiada no fazer jornalístico.

Na SD2, a *Aos Fatos* insere-se no imaginário discursivo da grande imprensa ao elencá-las como “fontes confiáveis”, as quais funcionam como fonte de informações para a *Aos Fatos* realizar as checagens. Logo, percebe-se que parte daí os princípios intencionais do discurso jornalístico trazidos por Mariani (1999), pois existe um porquê buscarem a grande imprensa para checar as (des)informações. Ao dizer que são “fontes confiáveis”, a *Aos Fatos* toma uma posição, contrariando a isenção que declara na sua disposição metodológica. Ademais, o objetivo das checagens, segundo a própria imprensa, é fornecer a “*informação verdadeira*”. Grifo *informação verdadeira*, pois a busca pela verdade aparece como fator primordial nas checagens realizadas, pois os discursos jornalísticos são associados “a um imaginário de verdade” (DELA-SILVA, 2021, p. 5955), bem como difundem um modelo de verdade. Ao significarem o próprio enunciado como isento e verdadeiro, a mídia produz um efeito de sentido que a desloca das possibilidades de erro, ou seja, busca isentar-se de um espaço que tenha falhas.

Entretanto, o modelo de linguagem objetiva seguido pelos discursos postos em circulação, como descrito na SD1, não são desinteressados, pois é um discurso proferido por um sujeito, tal qual, para a teoria pecheutiana, trata-se a partir da interpelação ideológica e lida com o sujeito constituído pelo discurso, logo o seu funcionamento emerge dentro de uma construção histórica e ideológica, não neutra, nem única. Não se pode dizer, deste modo, que a *Aos Fatos* está em um lugar privilegiado como acredita, no caso, fora do ideológico. O que é posto em circulação pela mídia, a partir do processo de *fact-checking*, é, também, parte de um processo interpretativo e seu funcionamento está ancorado no imaginário do discurso jornalístico das grandes imprensas.

Dessa forma, interpelado ideologicamente, o sujeito filia-se a Formações Discursivas (FD), o que, segundo Pêcheux (2014, p. 147), é “(...) aquilo que, numa formação ideológica, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada (...) determina o que pode e deve ser dito”. Há, na SD3, uma ordem a partir do recorte “expressamente orientados”, o qual é utilizado para indicar a conduta imposta pela *Aos Fatos* sobre seus colaboradores. Neste caso, nota-se que a mídia está inserida em uma formação discursiva que repreende, ou seja, uma mídia alternativa que busca destoar dos padrões jornalísticos, impondo aos seus colaboradores a tentativa de isenção. No entanto, os jornalistas responsáveis pelas checagens não produzem seus discursos num espaço vago que não se insere em nenhuma formação discursiva, apenas produzem a partir da região a qual está autorizado ideologicamente a produzir, sempre em detrimento a outra.

Neste caso, a submissão imposta, equivale-se, no fio do discurso, a um possível deslize entre “orientados” para “proibidos”, provendo um deslizamento de sentido e representando, por meio da linguagem, a Formação Ideológica (FI) que corresponde à *Aos Fatos*, que é, pois, segundo



Pêcheux e Fuchs ([1975] 1997, p. 166 aspas e itálicos do autor) o “conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem ‘individuais’ e nem ‘universais’, mas que se relacionam mais ou menos diretamente a *posições de classes* em conflitos umas em relação às outras”, desse modo, por meio do condicionamento posto aos colaboradores, a tentar produzir e induzir discursos fora do ideológico, o que não é possível, tal deslizamento, inserido em uma FD, materializa a posição a qual a mídia se inscreve e é determinada ideologicamente.

A busca da *Aos Fatos* pela isenção é uma das regras a serem seguidas, ou melhor, ao menos declaradas, para fazer parte da *IFCN*. Posto isso, observa-se a SD3 fortemente marcada por discursos de (im)parcialidade. Ao dizer *que tudo que não aparenta ser isento ou imparcial, não faz parte da filosofia da mídia*, a imprensa busca um afastamento dos atravessamentos discursivos, porém

O ato de noticiar (...) não é neutro nem desinteressado: nele se encontram, entrecruzando-se, os interesses ideológicos e econômicos do jornal, do repórter, dos anunciantes bem como, ainda que indiretamente, dos leitores. Além desses fatores, as forças políticas em confronto no momento histórico em que se divulga um acontecimento vão constituir também os sentidos produzidos pelas notícias (MARIANI, 1999, p. 102).

Logo, mesmo afirmando o posicionamento de isenção, há um atravessamento sócio-histórico nos discursos publicados. Ainda conforme Mariani (1999, p. 110), “(...) não estamos afirmando que haja necessariamente uma intenção enganosa - má fé - por parte daqueles que escrevem na imprensa em querer iludir o leitor”, isso, porque, o próprio jornal, de forma inconsciente, possa crer que seus discursos não estejam vinculados a formações ideológicas, o que nos remete aos *esquecimentos* de Pêcheux (2014): o *esquecimento nº 1* refere-se à ilusão do sujeito acreditar que tudo o que diz parte dele, ou seja, crê ser a fonte de seus discursos. Neste caso, há um apagamento de que o discurso já significa em uma outra formação discursiva que também é já constituída pela formação ideológica, sendo, então, apenas uma *retomada* dos dizeres.

Ainda segundo o filósofo francês, o *esquecimento nº 2* é o processo

pelo qual todo sujeito-falante ‘seleciona’ no interior da formação discursiva que o domina, isto é, no sistema de enunciados, formas e sequências que nela se encontram em relação de paráfrase – *um enunciado, forma ou sequência, e não um outro, que, no entanto, está no campo daquilo que poderia reformulá-lo na formação discursiva considerada* (PÊCHEUX, 2014, p. 161).

Neste caso, é quando o sujeito se ilude com o poder de escolha sobre seus dizeres, por exemplo, achar que ele diz o que diz porque quer, mas é somente um processo ilusório: as palavras são escolhidas por ele, mas os sentidos, ideologicamente, já são pré-estabelecidos nas FDs. Assim, o sujeito desconsidera outros dizeres para atribuir o sentido e desconsiderar, num processo inconsciente, os outros possíveis efeitos de sentido.

Podemos notar, também, que a mídia em questão reproduz esse imaginário da neutralidade por caracterizar um interesse mercadológico a qual mantém a mesma sendo uma das principais a realizar o método de checagem. No Brasil, apenas três mídias são reconhecidas como checadoras confiáveis: *Aos Fatos*, *Lupa* e *Estadão Comprova*. Neste caso, alimentar o discurso da isenção torna-se uma condição para que a *Aos Fatos* faça parte do seleto grupo das mídias brasileiras que são reconhecidas pela *IFCN*, ou seja, declarar a busca pela neutralidade, reforça a credibilidade em nome dos princípios dispostos pela aliança internacional a qual os reconhece.

Percebe-se, indo à SD4, ao dizer que *quem está no poder, deve e merece ser alvo preferencial das checagens realizadas* pela mídia, que há uma prática destoante da imposição de neutralidade pregada, pois a *Aos Fatos* direciona seus discursos, preferencialmente, a um sujeito que está em



relevância social: o Presidente da República. Porém, questionamos: há a possibilidade de discursivização preferencialmente sobre um sujeito de notoriedade política mundial e ignorar os atravessamentos? Para tal questionamento, Mariani (1999, p. 104) salienta que “um olhar, portanto, nunca é imparcial”. Logo, o discurso proferido não é despretensioso, mas sim estabelecido a partir das relações do sujeito que o produz.

A busca objetiva da mídia, *corpus* deste artigo, é voltada para entregar ao seu leitor a verdade isenta de qualquer atravessamento. Dizer-se fora do ideológico, é uma prática necessária para os discursos jornalísticos, pois a imprensa compreende-se como fundadora do discurso posto em circulação. Além disso, a partir da padronização da língua, ignoram que a produção de uma notícia seja uma interpretação de um sujeito, mas apenas a definem como descrição dos fatos. Por mais que a *Aos Fatos* busque a isenção,

O que se escreve nos jornais são interpretações do mosaico que constitui historicamente uma formação social, mas não é do mosaico inteiro que se fala, apenas de sua parte hegemônica, i.e. da parte que se impõe a ler (MARIANI, 2005, p. 105).

Ou seja, os discursos ali publicados são banhados por interpretações distintas a partir do processo de checagem e, ao interpretar, tem-se o “assujeitamento, ou seja, para que o sujeito seja sujeito, é necessário que ele se submeta à língua” (PÊCHEUX, 1999, p. 60), isso é: a partir da interpretação, o sentido é atravessado pela história a qual o sujeito está submetido, não sendo considerado um sujeito empírico.

Contudo, a *Aos Fatos*, ao dizer que desconsidera tudo o que destoa da pluralidade pregada por ela, se coloca, novamente, em um lugar discursivo de univocidade discursiva, visto que ignora que os discursos ali veiculados constituem, também, uma pluralidade de sentidos. Logo, as formulações produzidas pela *Aos Fatos* não condizem com uma prática discursiva neutra, imparcial, que transmita apenas a verdade a partir da checagem de uma desinformação. Há interesses midiáticos e políticos levados em consideração, isso, pois, a própria inserção no imaginário da grande mídia resulta na seleção de determinadas mídias e não outras, portanto constituem atravessamentos e inferências ideológicas no processo de escolher o que eles elencam como fontes confiáveis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho propôs analisar o funcionamento do discurso jornalístico a partir da descrição metodológica da mídia alternativa digital *Aos Fatos*. Para desenvolver os gestos analíticos, partimos dos pressupostos teóricos-metodológicos da Análise de Discurso de linha francesa, os quais foram pendulados sobre as sequências discursivas dispostas no *site*, a fim de analisar os efeitos de sentidos que elas produzem.

Compreendemos que, a partir da proposta metodológica da mídia, ao enunciar, seus discursos são proferidos a partir de um olhar de um sujeito baseado no que circula na grande imprensa. Dessa forma, como qualquer outro discurso, o discurso jornalístico é, também, afetado pela história. A *Aos Fatos* insere-se num processo ideológico, em Formações Discursivas, logo, está inserida em um contexto histórico que produzirá sentido a partir de um dado momento, de uma condição de produção, tendo seus gestos interpretativos conduzidos para a produção da checagem, o que resultará em um outro efeito de sentido a partir de um discurso que já-existe.



Percebe-se ainda que, a partir do que a *Aos Fatos* descreve como método de checagem, reproduzem os discursos costumeiros da ordem do jornalístico, mas não atingem a neutralidade que objetivam, pois os discursos checados que partem do imaginário da grande imprensa são interpretações de sujeitos que resultam em outros efeitos de sentido, ou seja, novos sentidos são (re)produzidos, a partir de um sujeito constituído historicamente que descreve sobre as checagens dos *fatos*. Portanto, os discursos jornalísticos não são isentos, nem neutros, apenas trabalham com conceitos a que são impostos para pertencer ao que objetivam (no caso, *IFCN*), sendo, também, atravessados ideologicamente.

REFERÊNCIAS

- AOS FATOS. **Nosso Método**. (2016?). Disponível em: <https://www.aosfatos.org/nosso-m%C3%A9todo/>. Acesso em: 15 de jan. 2023
- BOMFIM, Emily. **IFCN**: entenda tudo sobre a Aliança Internacional de Checagem de Fatos. Politize. 24 dez. 2020. Disponível em: <https://www.politize.com.br/alianca-internacional-de-checagem-de-fatos-entenda/>. Acesso em: 22 de ago. 2022
- DELA-SILVA, Silmara. **“Checar fatos e desmentir boatos”**: *fake news* e discurso jornalístico no Brasil. Fórum Linguístico, v. 18, p. 5949-5961, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/72801>. Acesso em: 26 ago. 2022.
- MARIANI, Bethania Sampaio Corrêa. **Para que(m) serve a psicanálise na imprensa?**. 2005. Disponível em: http://www.geocities.com/gt_ad/bethania.doc. Acesso em: 06 de jan. 2023.
- MARIANI, Bethânia Sampaio Corrêa. Sobre um percurso de análise do discurso jornalístico - a Revolução de 30. In: INDURSKY, Freda & FERREIRA, Maria Cristina Leandro. **Os múltiplos territórios da Análise do Discurso**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1999.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso**: princípios & procedimentos. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009.
- PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). **Por uma Análise Automática do Discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução de Bethânia S. Mariani et al. Campinas-SP: UNICAMP, 1990. p. 61-161.
- PÊCHEUX, Michel.; FUCHS, C. “A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas”. In: GADET, F.; HAK, T. (org). **Por uma análise automática do discurso**. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997, p.163-252.
- PÊCHEUX, Michel. **Papel da Memória**. IN: **Papel da Memória**. Pierre Achard et al. Tradução: José Horta Nunes. 1ª edição. Campinas, SP: Pontes, 1999, p.49-50.
- PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: Uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi et al. 5 ed. Campinas, SP: UNICAMP, 2014.
- PETRI, Verli. O funcionamento do movimento pendular próprio às análises discursivas na construção do “dispositivo experimental” da Análise de Discurso. In: Petri V, Dias C, organizadoras. **Análise do discurso em perspectiva: teoria, método e análise**. Santa Maria: Ed. UFSM; 2013.